



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE  
CURSO DE DESIGN-MODA

# REMINISCÊNCIA

**UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NA ARTE  
EM NANQUIM**

Lucas de Deus Viudez de Araújo

+

DESIGN  
MDA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

A69r Araújo, Lucas de Deus Viudez de.  
Reminiscência: : um estudo sobre a construção da memória na arte em nanquim / Lucas de Deus Viudez de Araújo. – 2025.  
47 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2025.  
Orientação: Profa. Dra. Aline Teresinha Basso.

1. Portfólio Artístico. 2. Estudo de técnica. 3. Nanquim. 4. Fotografia. 5. Memória. I. Título.  
CDD 391

---



# LUCAS VIUDEZ, 32 ANOS

Nascido em Fortaleza, Ceará, **Lucas Viudez** é artista visual e graduando em **Design-Moda** na Universidade Federal do Ceará, onde explora a interseção entre arte, moda e design. Suas obras abrangem aquarela, **nanquim** e **fotografia**, técnicas que utiliza para capturar a essência e a beleza do cotidiano e da subjetividade, além de explorar temas como identidade e memória.

# PERCURSO



“**Reminiscência**” é um projeto pessoal que parte de estudos acerca da construção da memória e identidade e como somos moldados não apenas pelo olhar subjetivo que temos sobre si, mas pelos muitos olhares em nossa volta.

Tendo começado a pesquisa por meio de experimentações em outras linguagens por volta do quarto semestre do curso de Design-Moda, a primeira obra-experimentação foi a instalação “**Memória: o Olhar do que Foi e do que É**” (2023): Montada por um jogo circular de espelhos e pares de óculos, a obra foi exposta no “**Encontros Universitários**” (2023) combinando parte do percurso caminhado na disciplina “**Ateliê Criativo**” e atuação do artista como membro da “**Bolsa Arte-Moda (BAM)**” no mesmo ano.

Ainda no mesmo semestre, foi iniciada a pesquisa em fotografia e memória, cujo primeiro trabalho foi o ensaio “**O Silêncio que nos Cerca**” (2023), exibido no “**Museu da Fotografia de Fortaleza**” em mostra organizada como conclusão da disciplina “**Produção de Moda**”.

No ano seguinte, como parte do “**Laboratório de Práticas Experimentais em Arte e Educação Museal (LAPEArte)**” foi dado início ao processo de pesquisa em arte em preto & branco, tendo como foco obras em nanquim como a tradicional técnica “**sumi-e**” (técnica de pintura a pincel como a usada na caligrafia japonesa, que utiliza nanquim em diferentes concentrações) e as fotografias produzidas pelos artistas modernistas japoneses nas décadas de 1970 a 1990.

Esse período trouxe experimentações que envolveram fotografia, pinturas em nanquim, estudo do preto & branco na moda e no cinema, memória e estudo de luz & sombra e foram expostas na edição de 2024 dos “**Encontros Universitários**” e no “**Museu da Fotografia de Fortaleza**” na mostra de encerramento da disciplina de “**História da Arte**”.

**ENCONTROS UNIVERSITÁRIOS**  
**2023 - 2024**



“Memória: o Olhar do que Foi e do que É”



Instalação com espelhos e pares de óculos  
2023





*"Sonha-me rio"*

Nanquim sobre papel canson

29,7cm x 42cm

2024



*"Do Mergulho-Luz: Da Metade-Treva"*

Nanquim e colagem sobre papel canson

29,7cm x 42cm

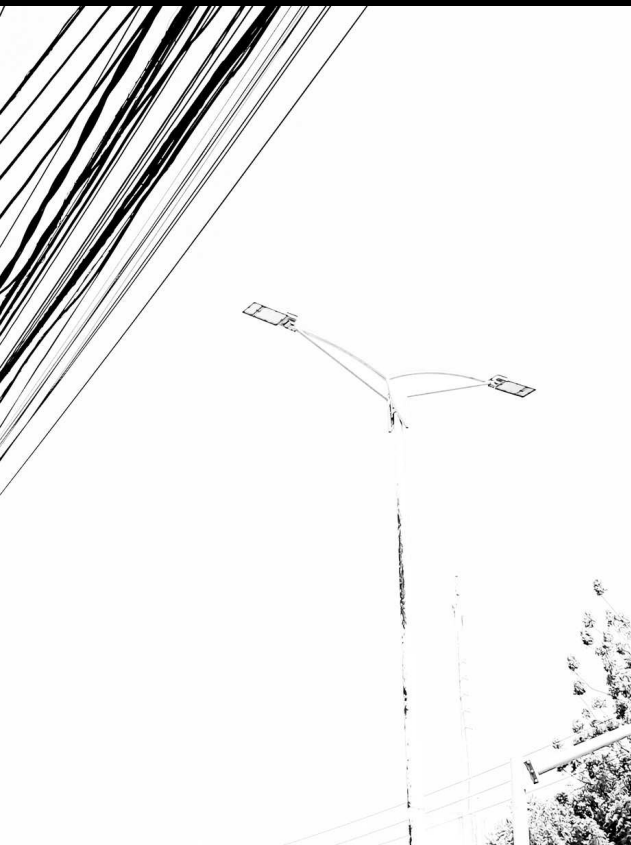
2024

*"O Céu te Espera para Desaguar"*  
Nanquim e colagem sobre papel canson  
29,7cm x 42cm  
2024



*"O Universo em mim: Entrelinhas Paralelas"*  
Nanquim e colagem sobre papel canson  
29,7cm x 42cm  
2024

MOSTRA DE ENCERRAMENTO DA DISCIPLINA "HISTÓRIA  
DA ARTE" NO MUSEU DA FOTOGRAFIA DE FORTALEZA  
(2024)



# JUSTIFICATIVA

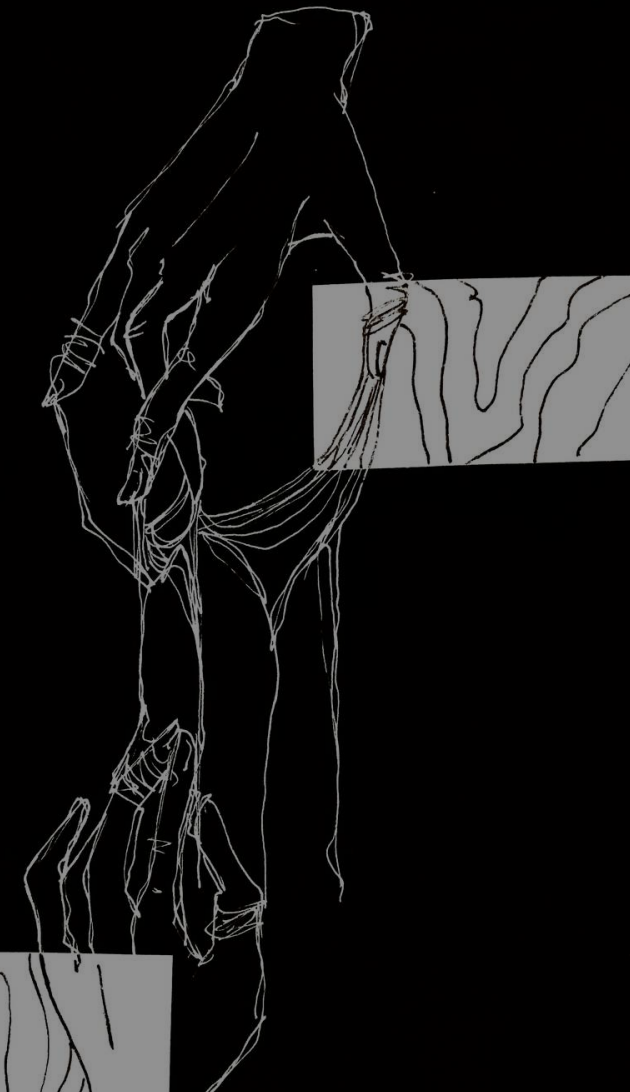
A escolha do tema e de estudar a técnica do “**sumi-e**”, apesar de não aplicá-la necessariamente à risca nas obras finais, revela-se um campo fértil para investigar a relação entre imagem, memória e expressão subjetiva. Autores como **Susan Sontag** (2004) apontam que toda imagem é uma tentativa de fixar o tempo, funcionando como vestígio de um instante. Ainda que sua análise foque na fotografia, sua concepção da imagem como evocação do ausente pode ser transposta às pinturas em nanquim, onde manchas e gestos fluidos capturam o efêmero.

**Aline Basso** (2020) reforça esse aspecto ao destacar, a partir dos manuais clássicos chineses, que o desenho oriental não busca imitar o real, mas expressar o fluxo vital, tornando-se um registro intuitivo da experiência. Já **Henry P. Bowie** (1911) argumenta que o sumi-e visa captar a essência das formas, alinhando-se à natureza sensível e seletiva da memória.

No campo contemporâneo, **André Rouillé** (2009) compreende a imagem como campo simbólico em constante ressignificação. A pintura em preto & branco, nesse sentido, pode ser apropriada como linguagem para tratar da memória enquanto construção estética e subjetiva. Um exemplo disso é a artista **Catarina Gushiken**, que utiliza traços do sumi-e para criar narrativas visuais sobre ancestralidade e identidade, fundindo lembranças pessoais e imaginadas.

Artistas como **Yoshitaka Amano** e **Takehiko Inoue** também exploram o potencial expressivo do nanquim em suas obras. Amano, conhecido por seus traços etéreos e oníricos, transforma a tinta em movimento e lirismo, evocando atmosferas que dialogam com memórias fragmentadas e sensações viscerais. Inoue, por sua vez, em obras como “**Vagabond**” (1998), domina o nanquim com um gestual vigoroso e contemplativo, capaz de transmitir o peso do tempo, do silêncio e da introspecção, características profundamente ligadas à memória como afeto e presença residual.

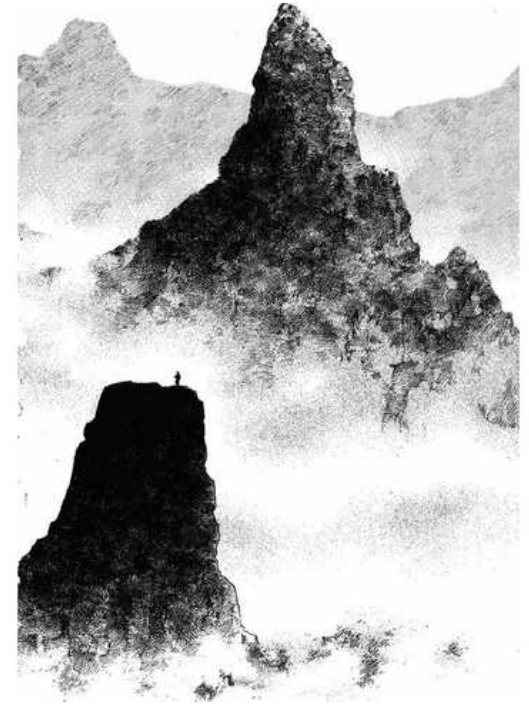
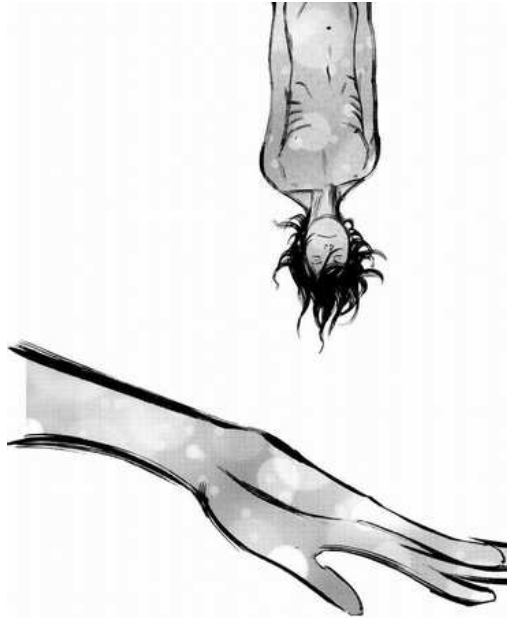
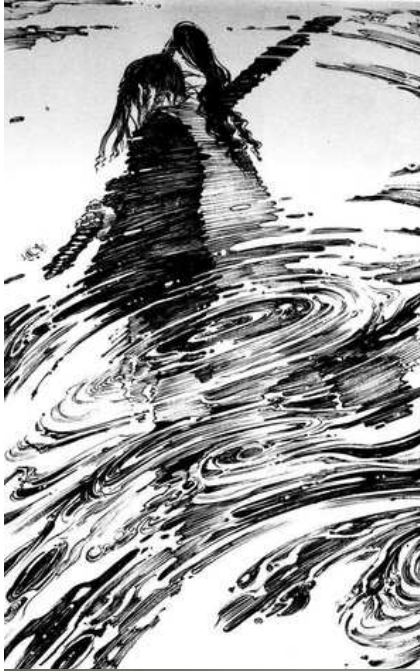
Dessa forma, a prática do nanquim, do tradicional ao contemporâneo, revela-se como meio potente para inscrever e reencenar lembranças. Ao invés de reproduzir o passado, essas imagens o reconstroem poeticamente, fazendo do traço um lugar de permanência do que já passou, mas ainda vive na sensibilidade do artista e do observador.



# ARTISTAS REFERENCIAIS - YOSHITAKA AMANO



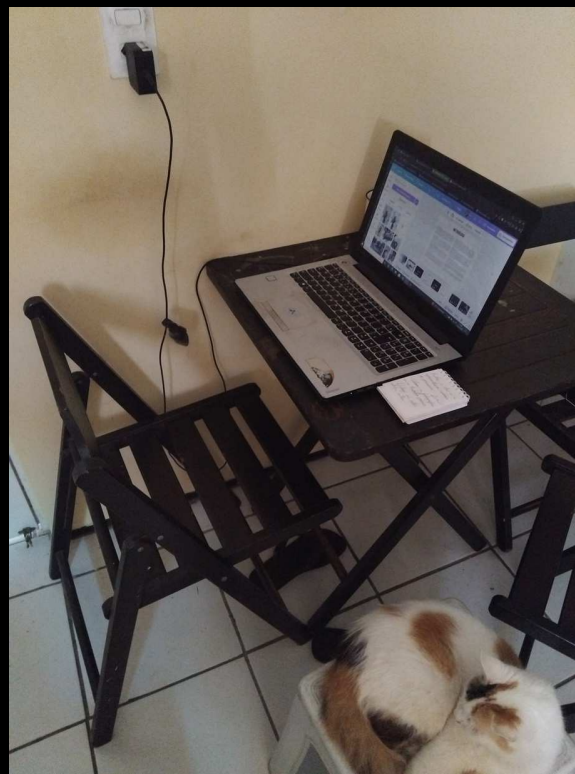
# ARTISTAS REFERENCIAIS - TAKEHIKO INOUE



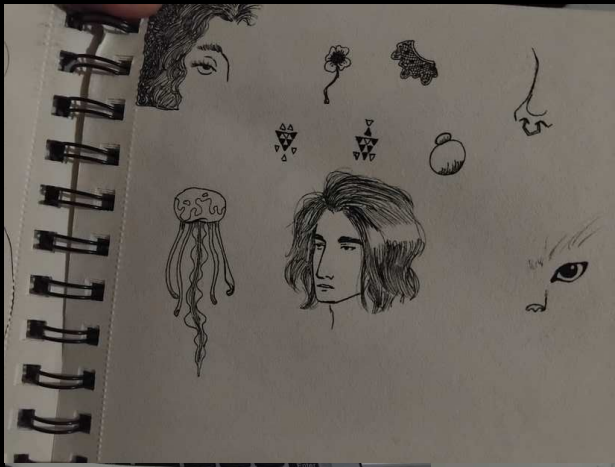
# PROCESSOS CRIATIVOS



# ESPAÇO CRIATIVO



# DIÁRIO DE BORDO



Autoconciencia e Montanha de si.  
30.10.23

Autoconciencia e uma forma de aprendizagem ou descoberta?

Intimidade  
Sentimentos, afetividade  
Autobiografia

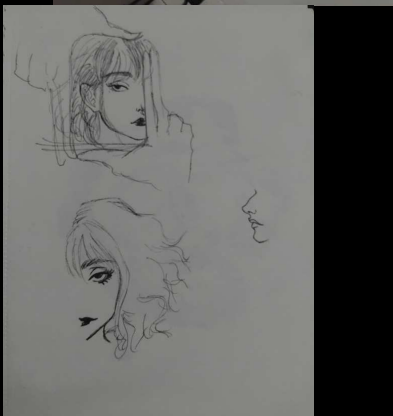
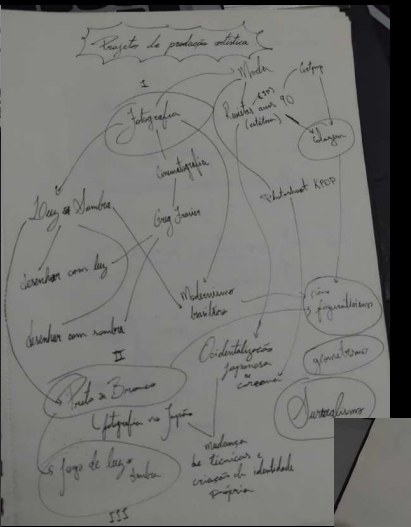
Problemas

Autoconciencia pode ser feita e resolvida a outras imagens.

Artistas e pesquisadores

- José Maria (fotógrafo)
- Brian Lewis Saunders (pintura)
- Ulber Nal (pintura)
- Therian Marin (fotógrafo)
- Nomax Lockwell (pintura)

Cada obra é uma lente individual e o mundo é esse. Não se comover sobre a imagem.



30.10.23

Autoconciencia e uma forma de aprendizagem ou descoberta?

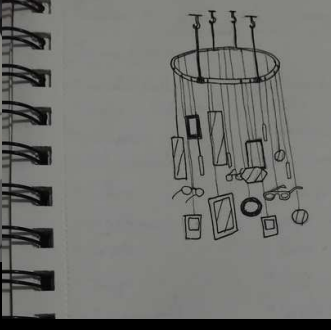
Intimidade  
Sentimentos, afetividade  
Autobiografia

Problemas

Autoconciencia pode ser feita e resolvida a outras imagens.

Artistas e pesquisadores

- José Maria (fotógrafo)
- Brian Lewis Saunders (pintura)
- Ulber Nal (pintura)
- Therian Marin (fotógrafo)
- Nomax Lockwell (pintura)



Autoconciencia e uma forma de aprendizagem ou descoberta?

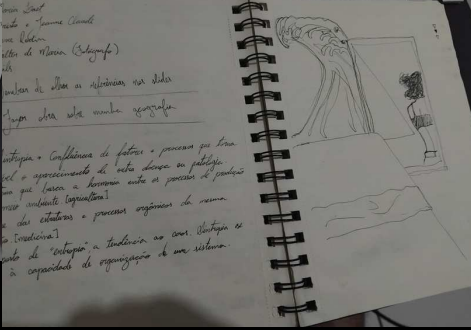
Intimidade  
Sentimentos, afetividade  
Autobiografia

Problemas

Autoconciencia pode ser feita e resolvida a outras imagens.

Artistas e pesquisadores

- José Maria (fotógrafo)
- Brian Lewis Saunders (pintura)
- Ulber Nal (pintura)
- Therian Marin (fotógrafo)
- Nomax Lockwell (pintura)



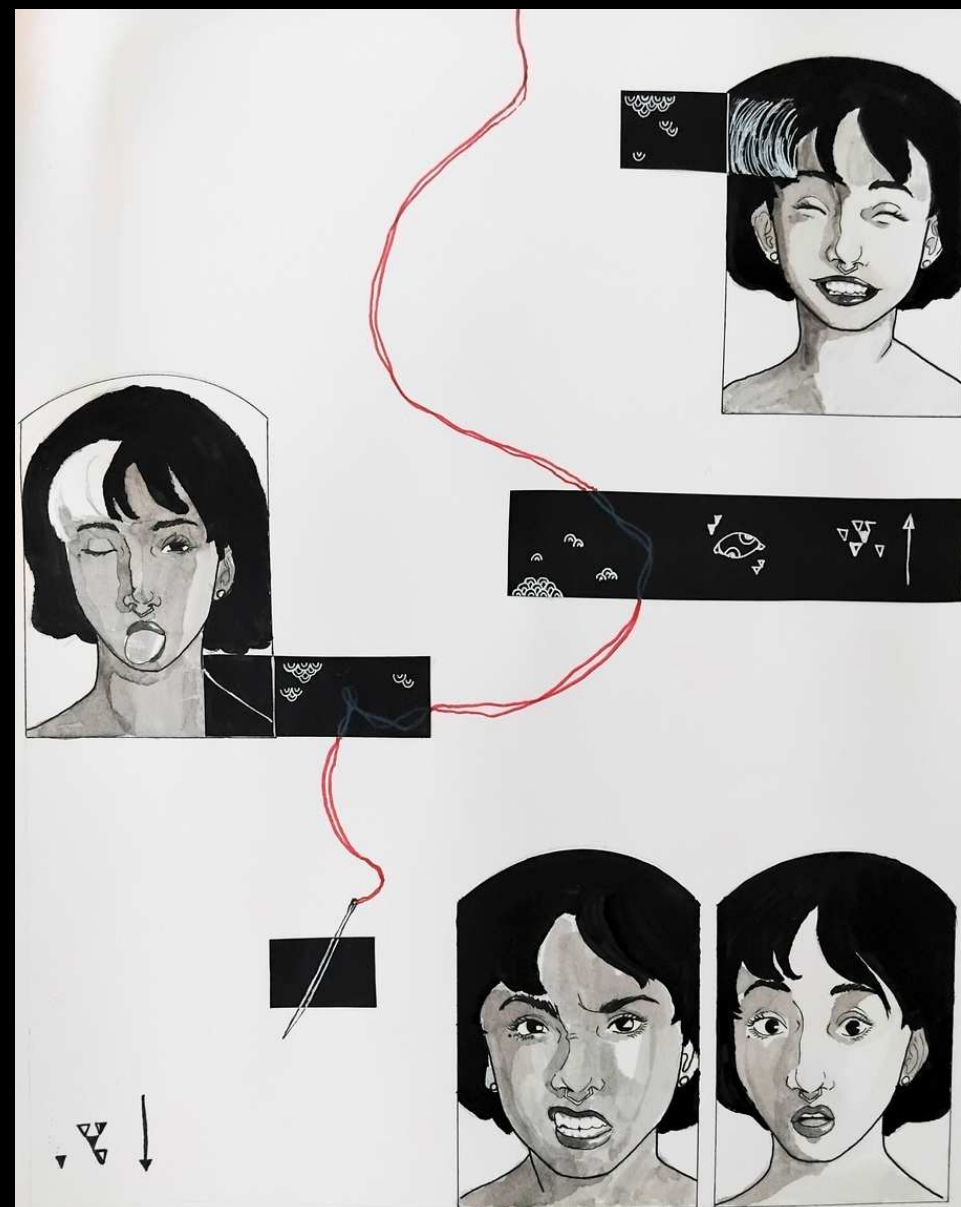
# **ESTUDOS EM NANQUIM**

"Porque você é você"

Nanquim e colagem sobre papel canson

29,7cm x 42cm

(2024)



"Da Perdição e Predileção"

Nanquim e colagem sobre papel canson

29,7cm x 42cm

(2024)



21/06/24



*"Sem Título"*

Nanquim e colagem sobre papel canson

42cm x 29,7cm

(2024)

*"Do corpo de carne: do viver-te rio"*  
Nanquim e colagem sobre papel canson  
29,7cm x 42cm  
(2024)

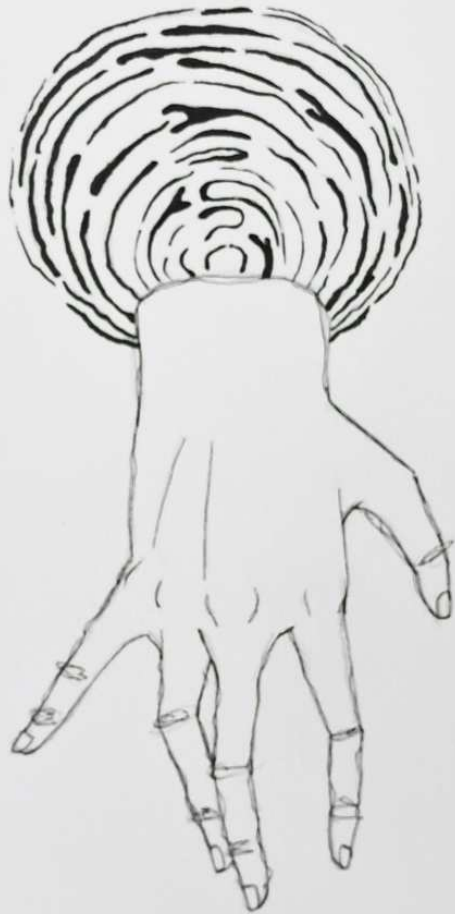


*"A Mão Direita de Deus"*

Nanquim sobre papel canson

29,7cm x 42cm

(2023)



+

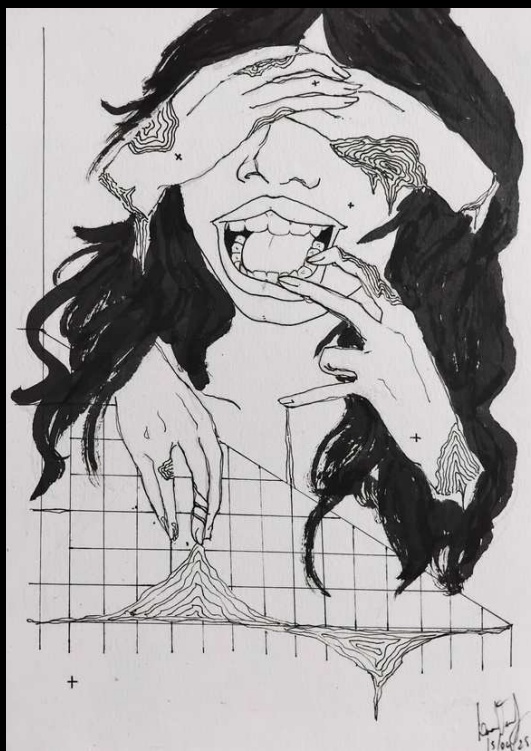
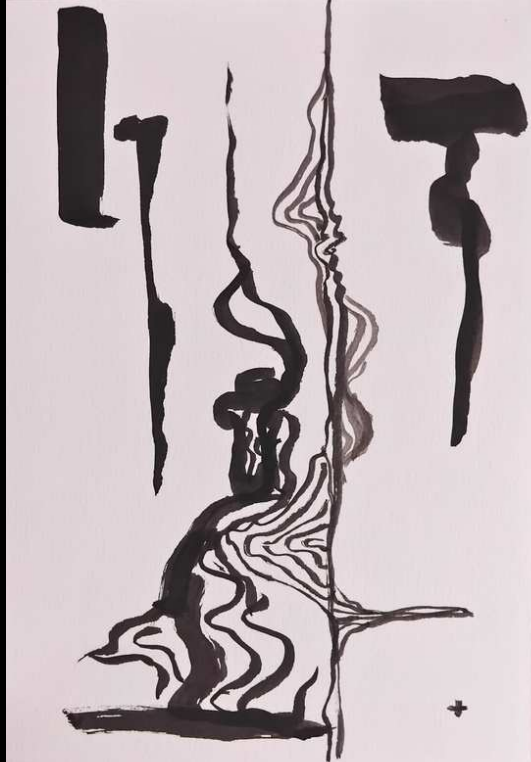


*"Nossas sombras texturadas de mútua sedução"*

Nanquim sobre papel canson

29,7cm x 42cm

(2024)



*"Experimentações"*  
Nanquim sobre papel canson  
(2024-2025)



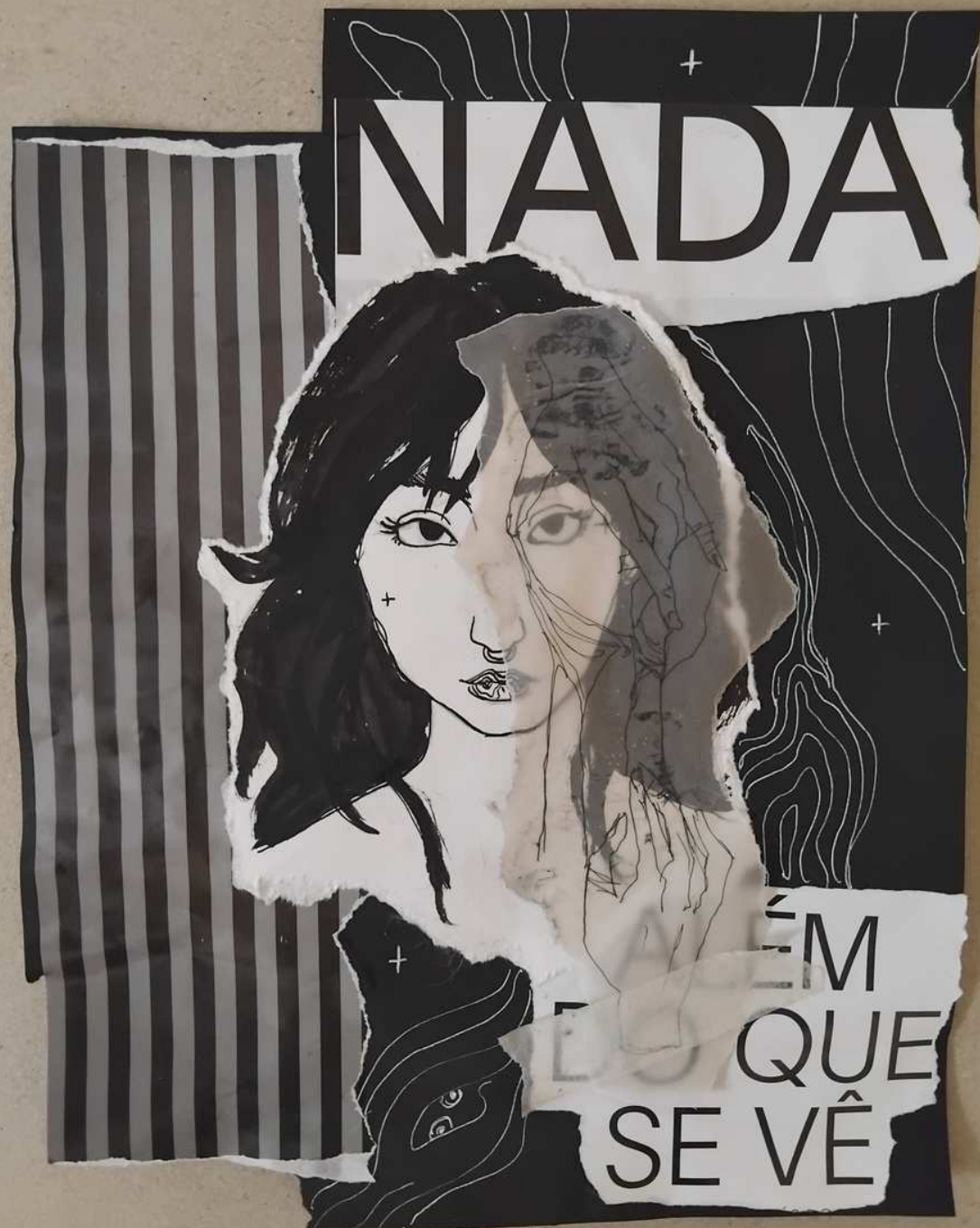
**PINTURA SOBRE FOTOGRAFIA**



**PINTURA SOBRE FOTOGRAFIA**

# COLAGEM

*"Nada além do que se vê"*  
Nanquim e colagem sobre papel canson  
14,8cm x 21cm  
(2025)



# ESTUDOS EM FOTOGRAFIA PRETO E BRANCO



# ESTUDOS EM FOTOGRAFIA PRETO E BRANCO



**PESQUISA**

# PAINEL IMAGÉTICO I



# PAINEL IMAGÉTICO II

Fotos de Miho Kajioaka, Daido Moriyama e Nobuyoshi Araki.



# EDITAIS POSSÍVEIS

- Salão de Abril: evento anual de exibição artística promovido pelo Instituto Mirante.
- Museu de Arte Contemporânea (MAC): proposta de exposição coletiva com artistas que compartilham da mesma linguagem.
- Projeto Percursos: projeto de exposição do Sobrado Dr. José Lourenço.

# ARTISTAS DE LINGUAGEM SIMILAR

← ramonsales

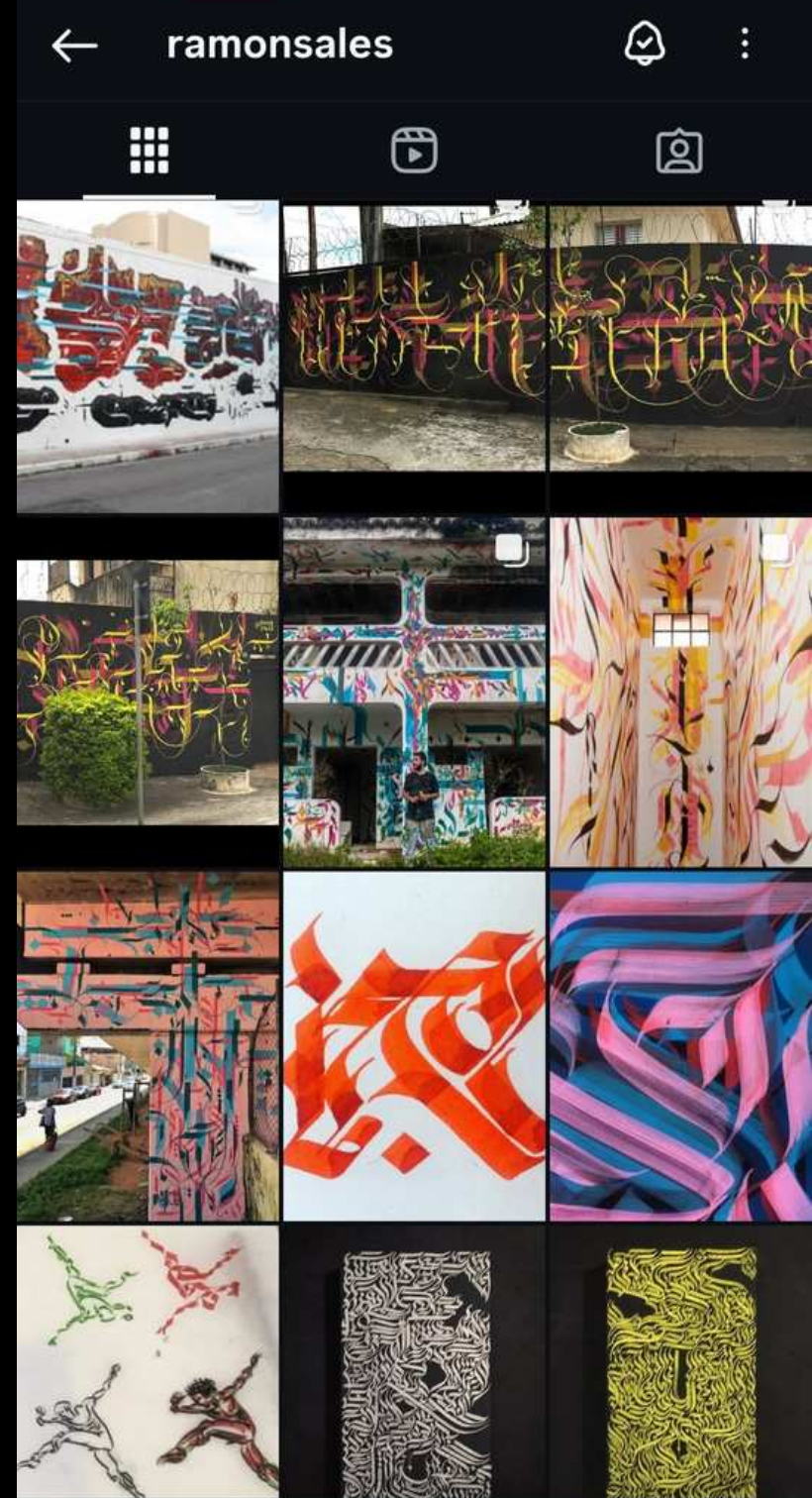
 Ramon Sales

58 publicações 9.780 seguidores 2.244 seguidos

Artista  
Fragmentos · Camadas · Rastros  
Murais \ Telas \ Arte-educação  
Artista integrante — @ateliesdopocinho  
Fortaleza - CE, Brasil  
Ver tradução  
[youtu.be/H5ZzptXbv\\_Y?si=9M9ceGF0lfQrsoiJ](https://youtu.be/H5ZzptXbv_Y?si=9M9ceGF0lfQrsoiJ)

Sigue... Mensaje Contacto +

 Obras  Processos  Elos  Fragmentos






# ARTISTAS DE LINGUAGEM SIMILAR

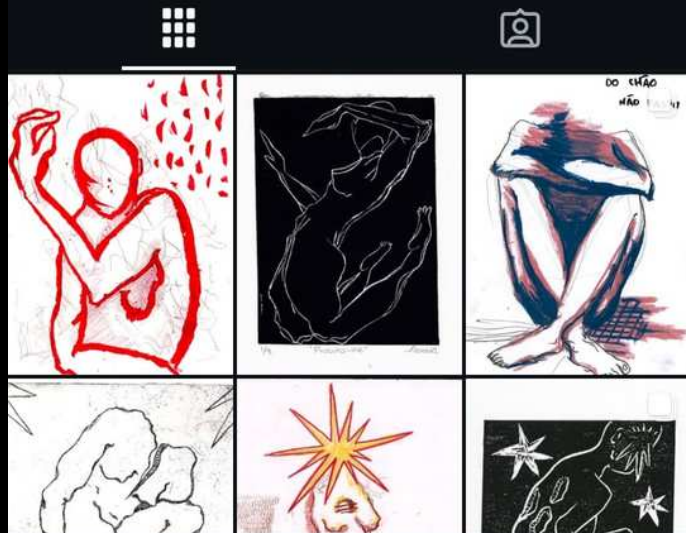
← **\_burity** 🔔 ⋮

 **lara burity**

32 publicações    941 seguidores    1.082 seguidos

Artista  
faço arte em fortaleza, ce  
[Ver tradução](#)  
[linktr.ee/\\_burity](https://linktr.ee/_burity)

 processos     gravura     por aí



# ARTISTAS DE LINGUAGEM SIMILAR

← highflyingmari

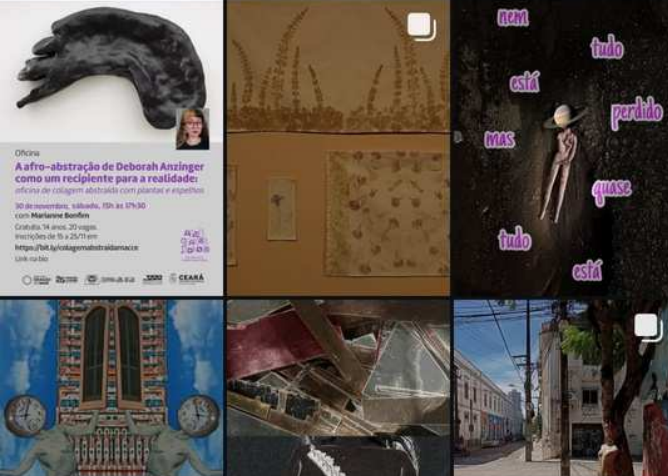


marianne bonfim

106 publicações   1.069 seguidores   2.279 seguidos

Artista  
arte-educadora, multilinguagem, multimídia,  
terrorista-poética, devoradora de acasos, etc e tal  
[Ver tradução](#)  
[medium.com/@obscenica](https://medium.com/@obscenica)

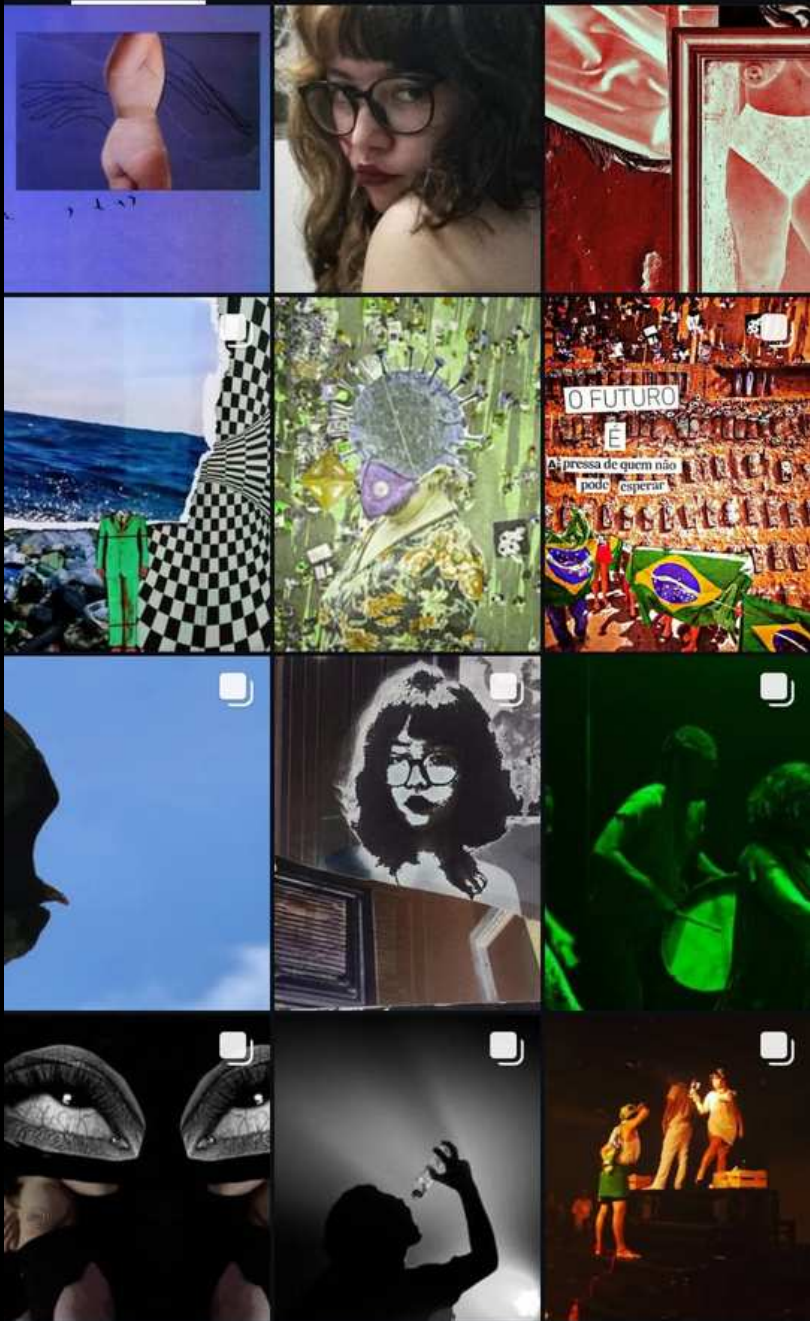
escrevimentos vegetariany...



Oficina  
**A afro-abstração de Deborah Anzinger**  
como um recipiente para a realidade:  
oficina de colagem abstrada com plantas e espelhos

30 de novembro, sábado, 19h às 17h30  
com Marianne Bonfim  
Cadastrado em menos de 20 minutos  
inscrições de R\$ 15,00 em  
https://bit.ly/colagemabstradaoficina  
Lugar gratuito

← highflyingmari



**REMINISCÊNCIA**

A exposição Reminiscência propõe um mergulho na delicada relação entre memória, imagem e subjetividade por meio da linguagem do nanquim. A seguinte mostra apresenta obras que exploram o traço como gesto de evocação, não da realidade concreta, mas daquilo que resiste no tempo como impressão sensível: o instante, o afeto, o silêncio. Aqui o nanquim não é apenas técnica, mas movimento contido e expansão da lembrança.

Cada obra nasce de um contato: entre o corpo do artista e a superfície, entre o instante vivido e aquele reconstruído pelo traço. O nanquim, com sua fluidez própria, torna-se extensão do pensamento intuitivo, canal por onde o passado se esboça sem se fixar completamente. A memória, nesse contexto, não é estática, ela é um rio que corre sem parar. Indomável como a própria tinta nanquim, a memória é esse rio que deve fluir. É presença intermitente que se dá no toque e no intervalo.

O ato de pintar e gravar carrega o tempo consigo através da relação do toque do artista, do pincel e do papel. Não se trata de um desenho que busca representar o mundo exterior com exatidão, mas de um movimento que captura atmosferas interiores. A mancha torna-se vestígio do que se sentiu, o traço se transforma em fragmento do que já não se pode dizer. É nesse entre que as imagens surgem: não como registro fiel do passado, mas como reencontro poético com o que ainda nos habita.

A escolha pelo preto e branco intensifica essa experiência de evocação. Sem distrações cromáticas, o olhar é conduzido à matéria do traço, à respiração do vazio, à vibração do gesto. O branco não é ausência, mas campo de silêncio onde a memória pode emergir. O preto, por sua vez, é rio do tempo, peso e sombra que delineiam o invisível.

As obras aqui reunidas convidam o espectador a experimentar a imagem como quem tateia uma lembrança antiga: fragmentada, sensível, às vezes incompleta, mas profundamente presente. A tinta se move como o pensamento que retorna a um instante já ido, e o gesto do artista se confunde com o gesto da memória: ambos buscando, no papel, uma forma de gravar a fugacidade do que deve seguir seu fluxo.

**Lucas Viudez**



“Guarda-me  
Solidão e nome  
E vive o percurso  
Do que corre  
Jamais chegando ao fim.”

Hilda Hilst, “Cantares de Perda e Predileção”

# EXPOGRAFIA





Memória de contato, de toques e de  
amarras. Palimpsesto que revela relevos e  
texturas que não podem ser tocadas, mas  
vistas.

*“Incendiada, Coroadá: Sempre Viva”*

Nanquim sobre papel canson e colagem

29,7cm x 42cm

2025

Memória também é movimento. É dança  
sob a luz da lua ou sob sua ausência. É  
esquecer de si por um momento e de  
todas as máscaras que o construímos e  
que ganham vida sob o olhar do outro.



*“A Quinta Viagem e Retorno e Doer de  
Saudade”*

Nanquim sobre papel canson e colagem

29,7cm x 42cm

2025



*"Ao Tempo que Vivo de Tatear"*

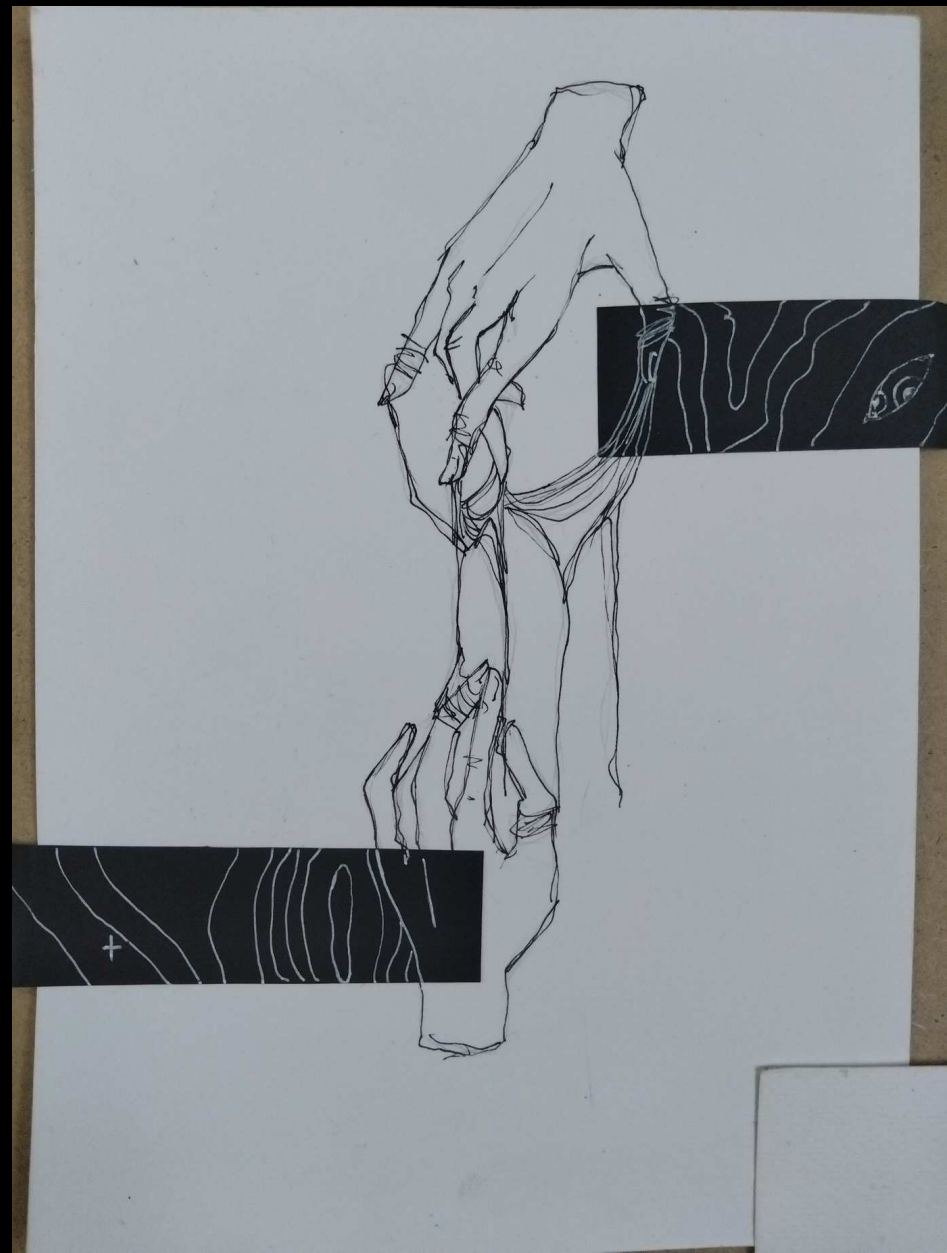
Nanquim sobre papel canson

14,8cm x 21cm

2024

Memória são toques e fios que conectam e que nos desfiam em emaranhados confusos.

*"Distraído de mim, me Desapego"*  
Nanquim sobre papel canson e colagem  
14,8cm x 21cm  
2025





Envolto em texturas formadas por olhares. Corpo que se toca e é tocado. Movimento dançante e listras que o marcam e o desfazem nessa quebra de padrão.

*“Insônias Heróicas”*

Nanquim sobre papel canson e colagem

29,7cm x 42cm

2024

Envolta na lembrança de lugares traduzidos nas faixas esvoaçantes, essa memória aponta para um dos muitos futuros moldados por escolhas que arqueiam, disparam e vagam como o errante da constelação de sagitário.

*“E quanto mais te penso, mais de ti  
encanta-me a ideia”*  
Nanquim sobre papel canson e colagem  
29,7cm x 42cm  
2025



# PAINEL TECNOLÓGICO

Papel Canson A3

Papel Canson A5

Papel offset preto A4

Tinta nanquim

Tinta nanquim branca

Canetas Unipin diferentes gradações

Caderno de rascunhos

Pincéis para *shodô*

Canetas bico de pena com diferentes pontas

Lápis de gradações diferentes

Molduras para papel A3 e A5

# AGRADECIMENTOS

À mãe que gerou e me criou até onde o tempo a permitiu, Graça, e às mães que contribuíram com essa criação, Milta, Conceição, Jaqueline e Joana.

Ao meu padrinho, Pedro, figura paterna e com quem tanto posso conversar sobre arte sempre que o encontro.

À Rui Filho, que me fez dar os primeiros passos como ilustrador há mais de 20 anos e à Henrique que tanto me inspirou e inspira até hoje com sua arte.

À minha irmã Rafaela, que sempre se fez presente em minha vida e cuja resiliência me ensina a viver um dia de cada vez.

À família que tive a sorte de escolher e ser acolhido, Kaline, Matheus, Nicole, Leandro, Yuri, Marlyson, Allan, Thays e Vitor. Obrigado por estarem ao meu lado nos melhores e piores momentos.

À Viviane, cujo acaso colocou em minha vida e sem seu suporte não teria conseguido enfrentar a turbulência que foi minha vida nos últimos anos.

À Nah Dias por seu amor, apoio e por ser minha maior confidente.

À Brenna Moreira, quem não apenas me viu virar adulto como esteve ao meu lado nesse processo e mais me incentivou a tomar a decisão para mudar de área e me dedicar ao que amo.

À professora Aline Basso, minha orientadora. Obrigado por ter me ensinado tantos fundamentos, mas principalmente por ter me ensinado a errar.

E finalmente, à Cris Alves, minha melhor amiga, parceira de projetos, de dança, de choro e de fofocas e cujas mãos e olhar inspiraram a maior parte das obras que me trouxeram a esse TCC. Obrigado por ter insistido tanto na aproximação que trouxe essa amizade e me ensinado a sorrir e a chorar.

# BIBLIOGRAFIA

BASSO, Aline Teresinha. Im[per]manências: Estudos sobre desenhos à luz dos manuais de pintura chineses. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2020.

BOWIE, Henry P. On the Laws of Japanese Painting. Nova Iorque: Dover Publications, 1952.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, Pilar. Metodologia de pesquisa. 3. ed. São Paulo, SP: McGraw-Hill, 2006.

MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PASTOUREAU, Michel. **Preto: História de uma cor.** Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Senac São Paulo, 2019.

PASTOUREAU, Michel. The Devil's Cloth: A History of Stripes and Striped Fabric. Tradução de Jody Gladding. Nova Iorque: Washington Square Press, 2003.

SONTAG, Susan. Sobre Fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ROUILLÉ, André. A fotografia entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.

# REMINISCÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NA ARTE EM NANQUIM

Lucas de Deus Viudez de Araújo

## MEMORIAL DESCRITIVO

O projeto *Reminiscência* é o resultado de um percurso poético, investigativo e profundamente subjetivo, que se desdobrou ao longo de diversos momentos da minha trajetória no curso de Design-Moda. Ele nasce da inquietação em torno da memória e da identidade, não como conceitos fixos, mas como construções permeáveis, moldadas por camadas de olhares, experiências e esquecimentos. Esse percurso, no entanto, não seguiu uma linha reta: foi feito de desvios, hesitações, reencontros e descobertas, um verdadeiro campo de afetos e transformações.

## 1 INTRODUÇÃO

A gênese do projeto remonta ao quarto semestre do curso, quando iniciei experimentações plásticas no contexto da disciplina *Ateliê Criativo* e da minha participação na *Bolsa Arte-Moda (BAM)*. Nesse período, desenvolvi a instalação *Memória: o Olhar do que Foi e do que É* (2023), construída por meio de um jogo circular de espelhos e pares de óculos, criando uma espacialidade sensível onde o olhar era mediado, multiplicado, fragmentado. A proposta já insinuava questões que mais tarde se tornariam centrais: como nos olhamos através dos outros? Como a memória se constrói entre aquilo que lembramos de nós e o que nos é lembrado pelos outros?

Esse primeiro experimento foi uma espécie de semente. Embora ainda carregasse uma visualidade mais literal e tridimensional, ele já convocava o espectador a habitar um espaço de reflexividade, não só no sentido físico do espelho, mas sobretudo no afetivo: ver-se no reflexo do outro.

A montagem da instalação nos *Encontros Universitários* (2023) foi também o primeiro teste público da obra. O retorno dos espectadores, suas interações espontâneas e interpretações começaram a alimentar um novo tipo de escuta no processo criativo: perceber o trabalho como um campo compartilhado, onde o outro não é um observador externo, mas um coautor da experiência.

## 2 O SILÊNCIO COMO LINGUAGEM: TRANSIÇÃO PARA A FOTOGRAFIA

No mesmo semestre, senti a necessidade de investigar a memória por outras linguagens e a fotografia enquanto registro pareceu o meio mais apropriado. Nasceu, então, o ensaio *O Silêncio que nos Cerca* (2023), apresentado como trabalho final da disciplina *Produção de Moda* e exibido no *Museu da Fotografia de Fortaleza*, assim como a pesquisa em fotografias em preto & branco e que mais tarde foram também exibidas em outra mostra de encerramento de disciplina (dessa vem em *História da Arte*).

Foi nesse momento que comecei a compreender a memória não apenas como algo que se narra, mas como algo que escapa, que se silencia, que se imprime nos interstícios. A fotografia, com sua capacidade de capturar o efêmero, tornou-se linguagem ideal para tratar das ausências que habitam nossas lembranças.

A influência teórica de Sontag (2004), com sua concepção da imagem como evocação do ausente, foi determinante nesse processo. Cada fotografia não era apenas um registro: era uma tentativa de tocar o que já se foi, ou de deixar que esse “já se foi” nos tocasse novamente.

### **3 O GESTO E A MANCHA: DA FOTOGRAFIA AO NANQUIM**

A transição para a pintura em nanquim se deu no ano seguinte, no contexto do *Laboratório de Práticas Experimentais em Arte e Educação Museal (LAPeArte)*. Nesse espaço, novas questões surgiram: como pensar a memória a partir do gesto, da fluidez, do erro? Como abandonar o controle visual proporcionado pela fotografia e abraçar o imprevisível da tinta?

Estudar o *sumi-e* (técnica de pintura a pincel como a usada na caligrafia japonesa, que utiliza nanquim em diferentes concentrações), ainda que sem adotar a técnica de forma tradicional, me abriu diversas possibilidades expressivas. Estudar o preto e branco da tinta me permitiu focar em formas, já que não havia a distração cromática. Na fotografia, cinema e moda, a ausência das cores nos leva a olhar com mais afinco para as expressões dos atores, ângulos dos cenários ou modelagem das peças, como bem aponta o estilista Yohji Yamamoto no filme “*Identidade de Nós Mesmos*” (1989), do diretor Wim Wenders. Não se tratava mais de representar a memória, mas de deixá-la escorrer no papel, como quem tenta segurar a água com as mãos.

A leitura de autores como Bowie (1911), Basso (2020) e Rouillé (2009) reforçou essa virada conceitual: o *sumi-e* não busca mimetizar o mundo, mas expressar sua energia vital, sua essência. Da mesma forma, as imagens que eu produzia com nanquim não buscavam representar memórias específicas, mas sua atmosfera, seu peso, sua duração afetiva. O gesto, nesse sentido, tornava-se memória em si: cada traço era um vestígio do corpo que o produziu.

### **4 VARIÁVEIS, IMPREVISTOS E MUDANÇAS DE RUMO**

Ao longo desse processo, enfrentei diversas dificuldades. Uma delas foi a resistência inicial em abandonar o controle visual proporcionado pela fotografia. O nanquim exige escuta, pausa, entrega ao acaso. Não há como “corrigir” uma mancha. O erro faz parte da composição. Esse aspecto foi desafiador, mas também profundamente libertador. Aprendi a confiar mais na intuição do corpo, no ritmo do pincel, no vazio do papel.

Outro desafio foi conciliar as práticas artísticas com o ritmo acadêmico, que muitas vezes exige entregas rápidas e padronizadas. Aprofundar o processo poético exigiu negociar prazos, adaptar projetos e aceitar que nem tudo estaria finalizado dentro de um cronograma linear. Isso me ensinou a valorizar o processo mais do que o produto final.

Além disso, houve mudanças de rumo importantes. Inicialmente, a ideia era trabalhar a fotografia como pinturas em nanquim tendo como base os fotógrafos modernistas japoneses

das décadas de 1970 a 1990. Mas, à medida que me aprofundava nas pesquisas, fui enfrentando dificuldades materiais ao tratar da fotografia e o processo das pinturas vinha fluindo de maneira mais orgânica e dinâmica. Com isso o foco voltou à tradução da imagem-memória para pintura.

## **5 REDES DE CRIAÇÃO: TROCAS, ESCUTA E AFETO**

Nenhuma dessas etapas ocorreu de forma isolada. O projeto foi atravessado por uma rede de trocas que inclui professores, colegas, amigos e artistas que admiro. As disciplinas e os laboratórios funcionaram como espaços de provocação, onde ideias ganhavam forma no diálogo.

Durante a produção das obras em nanquim, as conversas com colegas de bolsa e amigos ajudaram a pensar o papel do gesto, da repetição e da respiração na prática artística. Trocar papéis, tintas e impressões se tornou parte essencial do processo. Às vezes, era a observação do traço de um colega que me fazia perceber uma nova possibilidade no meu próprio trabalho.

A influência estética também é um ponto fundamental. O contato com obras de Yoshitaka Amano e Takehiko Inoue, quem acompanho desde a infância, me inspirou a explorar o lirismo do traço e o silêncio como narrativa. Amano, com seus traços oníricos e etéreos, me ensinou que o nanquim pode ser poesia visual. Inoue, por outro lado, mostrou como o peso do gesto pode carregar o tempo e a introspecção.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a finalização das obras e das exposições nos *Encontros Universitários de 2024* e no *Museu da Fotografia de Fortaleza*, percebi que o trabalho não se encerra na obra exposta. O retorno do público, os olhares que se detêm em detalhes que não percebi, os afetos compartilhados diante das imagens, tudo isso continua a transformar o projeto.

A *Reminiscência* continua viva porque não é sobre uma memória específica, mas sobre o ato de lembrar como experiência estética. Ela convida a rever o passado como algo que não está fixo, mas que se move, se reconstrói, se afeta pelo presente.

Nesse sentido, a obra concluída não é um ponto final. É uma vírgula no texto da minha trajetória artística. As imagens continuam reverberando, provocando novos desejos, abrindo novos caminhos, talvez em outras linguagens, talvez em outras poéticas. Mas sempre com o mesmo impulso: o de tocar o que escapa.

## **REFERÊNCIAS**

BASSO, Aline Teresinha. Im[per]manências: Estudos sobre desenhos à luz dos manuais de pintura chineses. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2020.

BOWIE, Henry P. *On the Laws of Japanese Painting*. Nova Iorque: Dover Publications, 1952.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, Pilar. Metodologia de pesquisa. 3. ed. São Paulo, SP: McGraw-Hill, 2006.

MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PASTOUREAU, Michel. Preto: História de uma cor. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Senac São Paulo, 2019.

PASTOUREAU, Michel. The Devil's Cloth: A History of Stripes and Striped Fabric. Tradução de Jody Gladding. Nova Iorque: Washington Square Press, 2003.

SONTAG, Susan. Sobre Fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ROUILLÉ, André. A fotografia entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.